

### **CPT: Entre o Discurso do Mito e da Racionalidade**

*José Adilçom Campigoto\**

“Até que ponto nossos trabalhos estão respondendo, de fato, a uma transformação social?”<sup>1</sup>. Este questionamento dos agentes de pastoral e lideranças cristãs, reunidas em Lages, no mês de novembro de 1977, no IV Encontro de Pastoral Rural e Suburbana de Santa Catarina, nos fornece um quadro das preocupações vividas por este grupo e da busca de respostas para o momento vivido pela igreja católica catarinense, ou seja, uma forte onda de migração de agricultores, do campo para a cidade .

A Comissão Pastoral da Terra é um serviço da igreja aos lavradores e trabalhadores do campo, criada em junho de 1975, na cidade de Goiânia (GO), a partir de um encontro de lideranças cristãs, leigas e religiosas, "para traçar as linhas básicas para atitudes práticas e pastorais, face ao conflito existente e latente entre as empresas agropecuárias e posseiros, bem como das migrações internas decorrentes daqueles conflitos"<sup>2</sup>. Uma das regiões que mais chamava a atenção dos criadores da CPT, era aquela conhecida como Araguaia-Tocantins(TO). Ali existia um conflito pós-guerrilha, entre a hierarquia católica local e as instâncias governamentais.

---

\* Graduado em Estudos Sociais na Fundação Educacional de Brusque (FEBE) em 1985; Graduado em Teologia no Instituto Teológico de Santa Catarina (ITESC) em 1989; Ingresso no mestrado em História na UFSC em 1994 sob a orientação do professor doutor Hélio Cantalício Serpa.

<sup>1</sup> Relatório do IV Encontro Regional de Pastoral Rural e Suburbana, novembro de 1977. (Arq. CPT\SC).

<sup>2</sup> Documentos da CPT\SC. A Prática de Organização Política na CPT\SC. Lages: Grafisserra, 1922. p.4.

Ao mesmo tempo ocorria uma entrada maciça de investimentos.

*"Entre 1966 e 1975, a SUDAM (Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia) aprovou 33 projetos para o município de Conceição do Araguaia. Os municípios de Conceição do Araguaia e Santana do Araguaia... eram até 1975, os dois municípios no país que haviam recebido maior número de financiamento de projetos aprovados pela SUDAM... Outra contradição é que estes projetos da SUDAM absorvem uma quantidade reduzida, inexpressiva de mão-de-obra... a presença do exército na região... excluía do projeto governamental os lavradores que eram tratados à base de pancadaria".*

A criação da CPT no Brasil, se dá neste universo percebido pelos seus criadores como um campo de enfrentamento ao regime militar implantado em 1964. Para Poletto, um dos membros fundadores da CPT,

*"O governo militar tem um projeto agrário... O desenvolvimento deste projeto agrário se faz através de grandes projetos integrando agricultura, pecuária, mineração, exploração de madeira, reflorestamento, hidroelétricas, agroindústria de exportação... A previsão inicial era de que os expropriados se deslocariam para as cidades, ou seriam assalariados dos projetos. Aumentou o desemprego e o subemprego"<sup>3</sup>.*

Estas representações irão fornecer elementos decisivos para a formulação do imaginário da CPT de Santa Catarina.

Segundo Foucault, "as condições políticas e econômicas não são um véu ou um obstáculo para o sujeito de conhecimento e sim aquilo através do qual se formam os sujeitos de conhecimento e em consequência as relações de verdade"<sup>4</sup>. Desta forma, as representações sobre o pequeno agricultor e agricultura se entrecruzam na área rural - o discurso do regime militar com seus projetos de desenvolvimento, o discurso da igreja, e

<sup>3</sup> POLETTTO, Ivo. *A Comissão Pastoral da Terra e a Questão Agrária*. in PAIVA, Vanilda. Op. cit. p.p. 143-144.

<sup>4</sup> FOUCAULT, Michel. *La Verdad y las Formas Jurídicas*. México: Encuadernacion Técnica, 1983. p. 32.

outros. É a partir destas condições políticas de existência, que os agentes de pastoral e alguns lavradores vão engendrar uma formação discursiva, uma forma de representar-se e representar o social.

A formulação do discurso da CPT, de suas representações do social, vistas sob este ângulo, nos coloca do lado oposto daquelas interpretações que vêem nas ideologias uma força totalizante, um verdadeiro obstáculo para as reações das "classes dominadas". Isto permite perceber que o projeto agrário do governo militar foi um dos fatores que propiciaram o surgimento e a elaboração do discurso da Pastoral da Terra.

O mesmo vale para a criação da CPT em Santa Catarina que se deu em 1977. O processo de tecnificação da agricultura estava se fazendo sentir forte no estado de Santa Catarina. Estava sendo implantado o sistema de integração da agricultura, e havia o projeto de construção de 25 barragens na bacia do rio Uruguai. Segundo o Regional Sul IV da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil: "Entre os anos de 1970 e 1980, duzentas mil pessoas abandonaram o campo em busca de trabalho nas cidades"<sup>5</sup>.

A CPTSC vai agir neste meio, produzir aí suas representações, propor estratégias e implementar práticas. Trabalha diretamente com o que chama de suas bases - os lavradores, as organizações criadas por eles - ou seja, os movimentos sociais rurais, o movimento sindical e outras lutas mais restritas e imediatas. Sua ação se dá nas chamadas comunidades rurais por meio dos agentes de pastoral voluntários ou contratados, os quais constituem as equipes estadual, diocesanas e paroquiais. Em geral, são iniciados por uma reunião onde se procura fazer um levantamento das dificuldades vividas e sentidas pelos agricultores e daí partir para a busca de possíveis soluções para as mesmas. Esta "leitura da realidade" e busca de soluções se dá através da articulação de um sistema discursivo pelo qual a CPT representa o mundo social e a si mesma.

Tais representações são apresentadas a público em momentos diversos, como é o caso deste encontro sobre Pastoral Urbana e Rural realizado em outubro de 1977, no Instituto Teológico de Santa Catarina. A sessão relativa à Pastoral Rural constituiu-se de

---

<sup>5</sup> CNBB - Regional Sul IV. Oitavo Plano de Pastoral. Passo Fundo: Gráfica Berthier. 1990. p. 33.

uma apresentação da experiência pastoral da diocese de Chapecó. "Há algum tempo se percebia que a pastoral não podia mais permanecer nos moldes tradicionais: restrita ao setor religioso, sacramentalista, paternalista, capitalista, agindo para o povo"<sup>6</sup>. Como podemos observar, nestes enunciados, a CPT\SC faz uma representação de si mesma, do trabalho pastoral e da ação da igreja católica no Oeste catarinense, colocando-se no momento da mudança para uma prática pastoral nova.

Para Chartier, "As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam"<sup>7</sup>. A CPT\SC apresenta no mesmo encontro o seu propósito pastoral: "...queremos cada homem catarinense liberto e libertador, consciência crítica, mudança de valores"<sup>8</sup>.

Esta apresentação do motivo da ação pastoral se dá na teia de representações que a CPT\SC faz do mundo social em que está inserida: um mundo em movimento onde os "marginalizados" são expulsos para as cidades, daí sua preocupação com o êxodo rural, uma das questões cruciais para os agentes de pastoral da CPT\SC, como se afirma neste relatório do VI Encontro Regional da CPT\SC. "Uma das preocupações fundamentais era a questão do êxodo rural, e a estratégia usada foi organizar as bases para o sindicalismo livre e preparação de monitores de igreja para serem eficientes na organização (união da base) e educação sindical"<sup>9</sup>. Este vai ser o primeiro, não em ordem de importância, elemento a demarcar o discurso da CPT.

Estas representações do êxodo rural vão ser radicalizadas na imagem de uma completa desolação: na moldura da decadência, um quadro de futuro aniquilante onde "As nossas cidades do interior estão desaparecendo"<sup>10</sup>.

<sup>6</sup> Relatório do Seminário de Pastoral Urbana e Rural. Outubro de 1977. Florianópolis. Santa Catarina. (Arq. CPT\SC).

<sup>7</sup> CHARTIER, Roger. *A História Cultural, entre Práticas e Representações*. Rio de Janeiro: Bertrand. 1990. p. 17.

<sup>8</sup> Relatório do Seminário de Pastoral Urbana e Rural. Outubro de 1977. Florianópolis. Santa Catarina. (Arq. CPT\SC).

<sup>9</sup> Idem.

<sup>10</sup> Relatório do Encontro de Pastoral da Terra. Tubarão, novembro de 1978. (Arq. CPT\SC).

As representações sobre o êxodo rural terão a contrapartida, no imaginário dos agentes de pastoral, na imagética da comunidade, uma outra idéia forte neste mesmo encontro,

*"... a realização e a libertação só se realizam na comunidade... O povo assumindo encontro, a partir de suas reflexões sobre a vida e o Evangelho, o motivo para superar seus problemas. A Igreja precisa dar mais tempo aos marginalizados porque só eles realizam mudanças radicais...Das pequenas ações em comunidade ou em grupo o povo aprende a ser agente de sua própria história"<sup>11</sup>.*

Estas propostas de ação evidenciam a percepção de comunidade da CPT\SC, o que vai, de certa forma, justificar o destaque da defesa da vida em comunidade no conjunto das representações da CPT\SC.

As representações da CPT sobre a comunidade vão estar intimamente relacionadas àquelas do êxodo rural e da tecnificação da agricultura como uma contraproposta em seu universo simbólico.

Cabe dizer que o tema do êxodo rural no Estado de Santa Catarina vai estar presente em outras formações discursivas como os discursos políticos, os discursos do Estado e os discursos veiculados pelos projetos das empresas agrícolas e do sindicalismo rural.

No caso da CPT\SC este tema vai ter uma importância particular. Note-se que igreja sem povo é pura quimera. Em outras palavras, o desaparecimento do povo das áreas do interior é o desaparecimento da própria igreja, ali. Então, é a questão da territorialidade, do espaço vital que está em jogo. Isto não é afirmar que o discurso da CPT\SC seja simplesmente uma estratégia eclesial de conservação do espaço. É apontar que o caminho da vivência em comunidade pressupõe uma territorialidade, no caso, demarcada pela própria igreja católica. Este seria o segundo elemento a demarcar o imaginário da CPT\SC.

<sup>11</sup> Relatório do Seminário de Pastoral Urbana e Rural. Outubro de 1977. Florianópolis. Santa Catarina. (Arq. CPT\SC).

Daí ,os agentes de pastoral, alguns agricultores católicos e os padres irão perguntar-se pelo efeito de seu trabalho pastoral cuja função será estancar o êxodo rural. Ao fazer-se esta pergunta a CPT evidencia as representações que faz de si mesma e de seu "público alvo", como sendo um grupo de agentes de pastoral, que pode ajudar, movido por sentimentos cristãos, colocando-se portanto, de certa forma, como imune à história - história enquanto "destino dos agricultores". Pode ajudar a outro grupo impotente diante de um poder avassalador, criador de estruturas de opressão e de miséria. A imagem de "poder" fica também evidenciada: provêm do sistema capitalista , dos projetos de desenvolvimento agrário, do Estado totalizante que torna as classes populares totalmente impotentes.

Ao representar as classes populares como classes totalmente impotentes, a CPT/SC não pode esquivar-se de representar o Estado como o grande detentor do "poder", onipresente e totalizante, de cujos tentáculos não se pode escapar sem ajuda de outro poder - no caso a igreja, o evangelho, a comunidade. Desta forma, seu discurso vai realçar a dimensão histórica do Estado capitalista enquanto que ao referir-se à religião e portanto à igreja - instituição também detentora de poder - o faz, remetendo-a ao plano mítico.

Em outras palavras, vai balizar seu discurso na evocação da "força libertadora" da religião, no mito das comunidades primitivas, numa gênese áurea do cristianismo a ser resgatada, em oposição ao caráter opressor do Estado. A estas representações sobre o poder, as classes populares e a própria pastoral poderíamos denominar o terceiro elemento na configuração imaginária da Comissão Pastoral da Terra.

Este recurso à ambiguidade, no discurso da CPT em relação às representações de poder, incide também sobre sua representação de classes sociais. A sociedade é assim dividida entre poderosos e impotentes. Contudo, os impotentes são também poderosos. Pois são as classes impotentes, que potencializadas através da "consciência crítica" e da "mudança de valores" podem contrapor-se ao poder do capital. É uma elaboração recorrente ao imaginário bíblico do Magnificat: "Depôs os poderosos de seus tronos e elevou os humildes"(Lc1,52).

Isso aparece de modo claro nas estratégias de ação propostas pela CPT. Aí, uma das imagens centrais vai ser aquela da "comunidade", como nos referimos anteriormente. Ao propor que "a libertação só se realiza na comunidade", o discurso da CPT está se ancorando nas representações de comunidade da chamada Teologia da Libertação. Esta forma de representar o mundo surgida na Igreja Católica na década de 60,

*"... consistia em tomar como ponto de partida exposições que testemunham as condições de vida da população apresentadas pelas próprias pessoas implicadas; efetuar uma reflexão teológica sobre estes fatos, confrontando estas realidades vividas com as sagradas escrituras; e concluir com as definições de pistas para a continuidade do trabalho coletivo de evangelização"<sup>12</sup>.*

É, portanto, na vivência comunitária que se dá a reflexão, a tomada de consciência e o impulso para a ação. Essa vai ser a representação da Comunidade Eclesial de Base, recorrente à imagem das primeiras comunidades cristãs, "reuniam-se e punham tudo em comum, vendiam suas propriedades e bens e dividiam entre todos segundo a necessidade de cada um".

A CPT evoca tal imagem também como a utopia, representação do futuro, ancorando-a, por sua vez, nas representações socialistas pois, a utopia cristã, a rigor, é projetada na "vida após a morte", no além. Falo em representações socialistas de utopia por entender que as utopias socialistas se configuram num quadro mais amplo do que aquele do pensamento marxista como demonstra Lowy: "É verdade que uma dimensão romântico-nostálgica está presente em todo o pensamento anticapitalista - aí incluindo o marxismo, contrariamente ao que se costuma pensar"<sup>13</sup>. As representações da utopia da CPT justapõem a imagem mítica das comunidades primitivas, da "Idade de Ouro" e a utopia socialista das sociedades sem classes em seu discurso de defesa da pequena propriedade.

Isso se observa neste rito para o 25 de junho, dia do agricultor, uma celebração preparada pela equipe de CPT/SC no ano de 1986. A equipe desejava a sua realização

<sup>12</sup> SADER, Eder. *Quando Novos Personagens Entram em Cena*. São Paulo: Paz e Terra. 1991. p. 136.

<sup>13</sup> LOWY, Michel. *Redenção e Utopia*. São Paulo: Bertrand. 1989. p. 21.

nas comunidades do interior e para isso foi produzido um roteiro onde se encontravam as instruções julgadas necessárias. Seria uma caminhada com cinco paradas, podendo começar na casa de um agricultor, na igreja ou no salão da comunidade.

A primeira parada teve como tema a expropriação da terra. A segunda tematizou os instrumentos de trabalho. A terceira, versou sobre a política agrícola. A quarta e a quinta seguiram o esquema normal das missas.

Nos deteremos na segunda parada mais demoradamente, onde o comentarista lia,

*"O principal instrumento de trabalho da família da roça é a terra. Não é só esta ferramenta de trabalho e de vida que estão a roubar. Vivemos numa época em que os opressores falam mal da enxada, do arado de boi, do boi de canga, da carroça e até do esterco. Proíbem galinhas caipiras e o trato crioulo para os animais e aves"<sup>14</sup>.*

A representação da comunidade, sua imagem construída na moldura do mito da "idade do ouro" e da utopia das sociedades sem classes, oferece sentido ao presente vivido pelos lavradores pobres daquelas comunidades, torna os outros discursos inteligíveis e o espaço decifrável.

É também uma imagem na qual o pequeno agricultor e sua família representam-se como pessoas roubadas, privadas de seus instrumentos de trabalho e da propriedade da terra como se percebe nesta parte do culto,

*"Tudo em nome do progresso. Mas graças a Deus, o pequeno agricultor ama seu companheiro de trabalho que é o animal. Ainda não trocou por uma máquina, um trator pesado, que achata, soca e mata a terra. Deus nos livre deste bicho trator que expulsa nossos irmãos da roça"<sup>15</sup>.*

<sup>14</sup> Folheto do Culto para o 25 de julho de 1986. (Arq. CPTSC).

<sup>15</sup> Idem.



A imagem da terra é relacionada à vida do agricultor, ou seja, ao seu modo de vida, sua cultura. Esta terra achatada, socada e assassinada pelo trator é a representação da própria vida, cultura do agricultor, na qual predomina uma relação de afetividade e não de lucratividade com os animais. A imagem manifesta uma cultura sendo suplantada. É a tradução imagética que a CPTVSC faz do êxodo rural e da tecnificação da agricultura.

O mesmo ritual amplia os contornos da representação vinculando-a àqueles que são representados como os causantes da situação:

*"Não satisfeito , ainda, o opressor dificulta a compra de ferramentas através do preço e da pouca qualidade dos artigos. Isto é só para vender veneno. Além disso o opressor quer acabar com nossos sentimentos. Diante da pouca terra que temos manda plantar até debaixo de casa. Pobre dos meus cachorros, dos gatos e aquelas aves e bicharada que dão vida ao terreiro de casa..."<sup>16</sup> .*

A representação dos causantes da situação é um tanto genérica, se considerada do ponto de vista sociológico. No entanto, definida a partir do dia-a-dia dos agricultores torna-se imediatamente aplicável são os que falam mal da pequena propriedade, do "jeito" de viver do agricultor, criam dificuldades e querem acabar com seus sentimentos. O discurso da pastoral torna-se inteligível à medida que suas representações do social vão sendo tecidas com elementos familiares ao cotidiano do trabalhador do campo.

Por outro lado, o discurso sobre o capital torna-se identificável, pois é colocado na oposição das representações veiculadas neste rito. A imagem que o rito mostra da pequena propriedade se coloca na oposição da racionalidade, representada pela metáfora do trator que "expulsa nossos irmãos do campo".

---

<sup>16</sup> Ibidem.

O capitalismo agroindustrial representa a pequena propriedade como espaço racionalmente aproveitável, como se percebe neste projeto da Empresa Sadia para a pequena agricultura do terceiro milênio:

*"Propriedade padrão para o ano 2000.*

*- Área mínima de 20 ha.*

*- Plantel de 15 porcas.*

*- Cinco vacas de leite mestiças, com produção média diária de 10-20 litros.*

*- Aviário com capacidade para 6.000 aves*

*- Aproveitamento integral dos dejetos.*

*- Produção de 900 sacos de milho.*

*- Horta para o abastecimento doméstico.*

*- Proprietário com capacidade administrativa, bem informado e acessível a inovações"<sup>17</sup>.*

O discurso do departamento de fomento agropecuário da Sadia Concórdia SA. Indústria e Comércio, em torno da pequena propriedade aceitável para o sistema de integração rural, é calcado em torno do aproveitamento mais racional possível, aproveitamento "total".

As representações da CPT sobre a pequena propriedade se colocam em uma perspectiva crítica ao projeto de integração da agricultura. Contra a exigência de produção feita pela Sadia de "6.000 aves", "900 sacos de milho", o discurso da CPT vai se postar no sentido de que "o opressor quer acabar com nossos sentimentos. Diante da pouca terra que temos, manda limpar e plantar até debaixo de casa". O discurso da Sadia coloca o "modo de vida" do pequeno agricultor não tecnificado no reduto da horta, quando articula a proposta de que na pequena propriedade é necessário que haja "horta para o abastecimento doméstico".

<sup>17</sup> Projeto 21. Departamento de Fomento Agropecuário . Sadia Concórdia SA. 1988.p.p. 2-3.

A defesa da pequena propriedade feita pela CPT coloca o pequeno agricultor no meio de uma outra racionalidade, que não é a do capital e sim de uma utopia de vida harmoniosa entre pessoas, plantas e animais. Na racionalidade da Sadia o restos fecais dos animais têm o nome de "dejetos" que devem ser aproveitados integralmente enquanto o esterco da pequena propriedade deve ser substituído por adubo químico, ao passo que no discurso da CPT o esterco mesmo é superior e será chamado de adubo orgânico.

Entretanto, as representações da CPT não quebram totalmente com a racionalidade do capital. Há como que um caminho de mão dupla, que malgrado seja uma quebra da logicidade, se percebe claramente nas suas representações de história. Se, por um lado, propõe a volta à pequena propriedade nos moldes pré-capitalistas, por outro se apega ao projeto de construção de uma sociedade sem classes, que se dá pela conscientização, pela superação do capitalismo. Por outro lado, há uma sinalização para uma linearidade, uma racionalidade da história que se dará pela superação do modo de produção capitalista resultante das pequenas ações geradoras de consciência crítica.

Este quadro apresentado nos auxilia a perceber o discurso da CPT como representações postas no campo de discursos e imagens estratégicos diante de outras formações discursivas e imagéticas onde as "falas" se relacionam, se entrecruzam, se juntam e se contradizem entre si e nas mesmas representações.